



pelos mares da
**língua
portuguesa 4**

EDS.
ANTÓNIO MANUEL FERREIRA
CARLOS MORAIS
MARIA FERNANDA BRASETE
ROSA LÍDIA COIMBRA





pelos mares da
língua
portuguesa 4

EDS.
ANTÓNIO MANUEL FERREIRA
CARLOS MORAIS
MARIA FERNANDA BRASETE
ROSA LÍDIA COIMBRA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Pelos Mares da Língua Portuguesa 4

EDITORES

António Manuel Ferreira
Carlos Morais
Maria Fernanda Brasete
Rosa Lúcia Coimbra

EDITORA

UA Editora
Universidade de Aveiro
Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia

EDIÇÃO

1.ª edição – dezembro de 2019

ISBN

978-972-789-624-0

GRAFISMO

Grafismos sobre uma imagem criada por Álvaro de Sousa
Arranjo gráfico de Diogo Henriques

APOIOS

universidade de aveiro  dlc departamento de línguas e culturas
cllc centro de línguas, literaturas e culturas

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

FUNDAÇÃO
MÁRIO SOARES

AVEIRO
CÂMARA
MUNICIPAL

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

Usos do clítico *lhe* em variedades do português

ALINE BAZENGA¹

LORENA RODRIGUES²

Universidade da Madeira

1. Introdução

Tendo por referência o sistema pronominal padrão em PE, marcado por um grau elevado de complexidade não só em termos de número de constituintes, mas também de regras de uso, pretende-se, com este trabalho, elaborar uma síntese das diferentes estratégias não-padrão do pronome *lhe* em uso em variedades do português (geográficas, L1, L2). A literatura sobre o assunto refere o contraste existente entre as variedades padrão do PE e do PB. Na primeira, *lhe(s)* corresponde ao caso dativo e marca a função OI de terceira pessoa do singular e do plural (3PS e 3PP, respetivamente), como em “Como o cão estava com fome, dei-*lhe* comida”, já na segunda, este uso é quase inexistente, ocorrendo preferencialmente em dois contextos, como dativo de segunda pessoa do singular (2PS), como em “Estou-*lhe* escrevendo para dizer que não estou nada contente” e acusativo de segunda pessoa do singular (OD.2PS), como no exemplo “ Estarei em Penedo este final de semana, *lhe* espero” (Nascimento, 2010). Estudos recentes no âmbito do PE, tendo por base o *Corpus Sociolinguístico do Funchal* (CSF)³, de que faz parte o *Corpus Concordância*, permitiram identificar ocorrências *lhe* OD.3PS, numa das variedades do português falado na Ilha

¹ Universidade da Madeira. Professora Auxiliar da Faculdade de Artes e Humanidades. Investigadora do CLUL e do CIERL-UMa. Doutor em Letras – Linguística Francesa.

² Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós Graduação em Linguística. Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais (CIERL-UMa). Doutora em Linguística. Bolsista CAPES/PDSE.

³ CSF, ou *Corpus Sociolinguístico do Funchal*, coordenado por Aline Bazenga (CIERL-UMa e /CLUL) está a decorrer desde 2014. Dele faz parte o *Corpus Concordância*, com entrevistas realizadas entre 2010-2013, no âmbito do Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*, um projeto internacional do CLUL, Portugal (Maria Antónia Mota, Investigador Responsável) e UFRJ, Brasil (Maria Sílvia Brandão, Investigador Responsável), iniciado em 2008 e financiado pelo CAPES/GRICES. Em 2018, o CSF conta com quase 100 entrevistas e cerca de 60 horas de gravações.

da Madeira que, no seu conjunto, constituem variedades insulares marcadamente singulares no conjunto das variedades e grupos dialetais do PE (Brissos, Gillier e Saramago, 2016).

Com este trabalho pretende-se, ainda, contribuir para a reflexão que tem vindo a ser realizada sobre a convergência/divergência entre o PE e o PB, e a construção histórica do PB, na qual se destacam duas hipóteses, a hipótese externalista, ou crioulista, que privilegia os fatores externos aos da própria língua nas mudanças observadas no PB, quando comparado com o PE, e a hipótese internalista, dita “derivista” (Queriquelli, 2013), que salienta o facto de muitas dessas mudanças seguirem as tendências já inscritas no PE no momento em que este é implementado no Brasil. Ambas as hipóteses podem ser caracterizadas como a seguir indicado:

A hipótese externalista sugere que os aspectos distintivos do PB decorrem de um processo de crioulistização prévio motivado pelo contato massivo com línguas africanas no período da escravidão. A hipótese internalista, embora não ignore o contato de línguas na formação do PB, afirma que tal contato não foi determinante para o surgimento das suas características distintivas e sugere que essas características remetem a possibilidades estruturais já inscritas na deriva da língua. (Queriquelli, 2013, pp. 38-9)

Este artigo está dividido em três secções. Após uma breve apresentação da metodologia (secção 2) e a anteceder a secção reservada às considerações finais, serão apresentados dados de *lbe*, organizados em torno do binómio padrão / não-padrão (secção 3).

2. Metodologia

A recolha de dados para a elaboração desta síntese fez-se com recurso à consulta de trabalhos (teses, artigos e comunicações) publicados. Muitos destes trabalhos, em particular aqueles que têm por foco as variedades africanas do Português ocupam um lugar preponderante na secção Bibliografias – Variedades do Português do site “Cátedra do Português Língua Estrangeira”⁴. A leitura de publicações de referência no âmbito das variedades europeia e brasileira completou esta primeira fase na investigação. Os trabalhos sobre variedades do PE, continentais e insulares, têm por objeto de análise amostras de português falado, selecionadas a partir do corpus *CORDIAL-SIN*⁵ e do *CSF*, respetivamente.

3. *Lhe(s)* em variedades do português

Esta secção apresenta uma descrição dos diferentes usos do clítico *Lhe* em variedades do português, de acordo com a seguinte ordem: enquanto constituinte do subsistema pronominal do

⁴ <http://catedraportugues.uem.mz/?__target__=variedades-nao-europeias>

⁵ O projeto *CORDIAL-SIN – Corpus Dialetal para o Estudo da Sintaxe* -, do CLUL, teve o seu início em 1999, sob a coordenação de Ana Maria Martins. Trata-se de um corpus anotado, que integra uma coleção de registos sonoros realizados no âmbito de outros projetos de geografia linguística do CLUL.

PE padrão (3.1), a sua aquisição em PE (3.2), e os seus usos não-padrão atestados em variedades do português (3.3).

3.1 Variedade padrão do PE

A Tabela I., a seguir, permite observar o lugar do pronome pessoal *Lhe* no conjunto de formas disponível no PE padrão.

Tabela I. Pronomes pessoais do português [europeu] (clíticos e não clíticos) – (Martins, 2013, p. 2233)

	FORMAS ÁTONAS (Clíticas)			FORMAS TÓNICAS		
	Acusativo	Dativo	Nominativo	Nominativo	Acusativo	Oblíquo/Dativo
	(Compl. Direto)	(Compl. Indireto)	(Sujeito)	(Sujeito)	(Compl. Direto)	Compl. Preposicionado/ indireto
1ª sg.	me	me		eu		mim, comigo
1ª pl.	nos	nos		nós, a gente	a gente	nós, connosco, a gente
2ª sg.	te	te		tu, você		ti, contigo, você, si, consigo
2ª pl.	vos	vos		vós, vocês		vós, convosco, vocês
3ª sg.	o, a, se	lhe	Se (impess.)	ele, ela		ele, ela, si, consigo
3ª pl.	os, as, se	lhes		eles, elas		eles, elas

Os pronomes *lhe/lhes* integram o paradigma dos clíticos do caso dativo, 3PS e 3PP, com função sintática de Objeto Indireto (OI):

- (1) a. Pensei muito neles.
b. *Pensei-lhes muito. (Duarte, 1987, p. 166)
- (2) a. Eles assistiram ao espetáculo.
b. *Eles assistiram-lhe. (Gonçalves, 1991, p. 104)
- (3) a. O João deu (à Maria) um livro (à Maria).
b. O João deu-lhe um livro. (Gonçalves, 2016, p. 102)

Os exemplos (1) a (2) mostram que *lhe* não substitui todos SP introduzidos por *a*, apenas podendo realizar um constituinte [+ animado] com a função OI, como ilustrado em (3) (Mateus *et al.*, 1983, p. 229).

Por outro lado, a função OI é marcadamente complexa. A sua complexidade está relacionada, entre outros aspetos, com a sua não-homogeneidade, como salienta Brito (2009, p. 142); não só existem dativos dependentes de verbos de três, como em (4) e (5), e de dois

argumentos, como em (6), pertencentes a diferentes classes semânticas, como podem assumir diferentes interpretações semânticas, nomeadamente, as de beneficiário, destinatário, origem:

- (4) Verbos transitivos de 3 lugares; Verbos de transferência / mudança de posse
 a. O Pedro deu/entregou/vendeu o livro *ao António* [destinatário]
 b. O Pedro roubou/tirou/comprou o livro *ao António*. [origem]
 c. O Pedro construiu uma casa *aos pais* [beneficiário]
- (5) Verbos transitivos de 3 lugares; Verbos diretivos
 a. O Professor ordenou *ao aluno* que saísse da sala. [destinatário]
- (6) Verbos transitivos de 2 lugares;
 Psicológicos: a. O concerto agradou *ao público*. [destinatário]
 Posse: b. Este livro pertence *ao professor* [destinatário]
 (Gonçalves & Raposo, 2013, pp. 1171-1180).

Em certos contextos, pode constituir a realização de um argumento [- animado]. Tal ocorre, por exemplo com predicadores de dois lugares (*obedecer ao regulamento, sobreviver ao massacre*), ou ainda com **dar** ou **fazer**, predicadores seguidos de um OD cujo núcleo é um nome deverbal, como ilustrado em (7)

- (7) a. A Maria **deu** [uma *pintura*]_{OD} [às estantes]_{OI}
 b. Eles **fizeram** [uma enorme *limpeza*]_{OD} [à casa]_{OI}

que permitem a construção onde OI passa a ter função de OBLI:

- (8) a. A Maria deu [uma *pintura*]_{OD} [nas estantes]_{OBL}
 b. Eles fizeram [uma enorme *limpeza*]_{OD} [na casa]_{OBL}
 (Mateus *et al.*, 1983, p. 289).

Para além destas propriedades, *lhe* e *lhes* podem ser combinados com clíticos *o(s)*, *a(s)* com função OD, produzindo amálgamas pronominais, ou formas contraídas, como *lho(s)*, *lha(s)*.

3.2 Aquisição de *lhe* em PE (L1, L2)

Os dados da aquisição dos clíticos verbais no PE, língua materna (L1), nos quais se inclui *lhe(s)* mostram que “a omissão do objeto (cf. (9a.), ‘leísmo’, ou seja substituição do pronome acusativo de 3ª pessoa pelo pronome dativo (cf. (9b.)), e a reduplicação do clítico, ou seja, a sua ocorrência simultânea em posição pré- e pós-verbal” (cf.(9c.) são as estratégias preferenciais observadas junto de crianças portuguesas.

- (9) a. o menino estava a chamar (L.M., 5 years)
 b. depois atirou-lhe # ele # para o rio (L.M., 5 years)
 c. não te engasgas-te nada!

No que se refere à omissão de clíticos, esta estratégia atinge mais os clíticos dativos e de 3.^a pessoa do que de 1.^a e 2.^a pessoas, “o que nos permite afirmar que a especificação de pessoa gramatical interfere no desempenho das crianças portuguesas.” (Carmona & Silva, 2007, p. 209). A Tabela II dá conta dos resultados de investigação realizada por Silva (2009) no que se refere à produção de clíticos dativos em contextos obrigatórios por parte de diferentes grupos etários de crianças portuguesas.

Tabela II. Produção clíticos dativos em contextos obrigatórios por grupo etário - (Silva, 2009, p. 533)

	[3,0-4,0[[4,0-5,0[[5,0-6,0[[6,0-6,5[Grupo de controlo
Clítico	36/540 6,67%	308/972 31,69%	400/756 52,91%	201/360 55,83%	502/540 92,96%
Forma nula	296/540 54,82%	460/972 47,33%	200/756 26,45%	93/360 25,84%	9/540 1,67%
DP	24/540 4,44%	50/972 5,14%	48/756 6,35%	26/360 7,22%	29/540 5,37%
Pronome forte	184/540 34,07%	154/972 15,84%	108/756 14,29%	40/360 11,11%	05/540 0%

Estes resultados mostram, como também referido por Costa, Fiéis & Lobo (2016, p. 370), que a estabilização da produção é tardia, sendo a omissão a estratégia dominante na gramática das crianças até aos cinco anos. Os dados da aquisição do PE L2 revelam “dificuldades a nível da realização morfológica dos clíticos, sobretudo nos níveis iniciais, (...) particularmente, a nível das distinções casuais ((25) a. *Levei-lhes para a praia.* (Grupo 1.1, L1 francês, 7 meses; Grupo 1.2, L1 alemão, 7 meses)), como referido por Madeira, Crispim & Xavier (2006, p.184).

Observamos, assim, que o “lhéismo”, ou o emprego da forma *lhe* como OD (Nascentes, 1960), encontra-se atestado em dados de aquisição do PE (L1 e L2). Esta dificuldade, assim como a da omissão, poderá estar relacionada com a hipótese de complexidade, mencionada em Silva (2009, p. 529). Esta hipótese, defendida entre outros por Costa & Lobo (2006, 2007), considera que a elevada percentagem de omissão dos clíticos durante o processo de aquisição em PE (L1) se deve a fatores relacionados com a complexidade do sistema linguístico (a posição variável dos pronomes clíticos - ênclise e próclise -) às quais acrescentamos a existência de um paradigma rico em termos de número de constituintes.

3.3 *Lhe(s)* não-padrão em variedades do português

3.3.1 Variedades europeias (PE): PE peninsular (PEpen) e PE insular (PEins)

Kekäläinen (2015), na sua tese de Mestrado intitulada *Sobre los paradigmas de los pronombres Átonos de la tercera persona en las zonas Fronterizas de España y Portugal*, procura analisar as ocorrências de clíticos de terceira pessoa (*lhe*, *lhes*) nas zonas fronteiriças de Portugal continental e de Espanha. No que se refere o PE, a amostra utilizada contém dados selecionados e correspondentes aos pontos de inquérito assinalados (Figura 1), retirados do CORDIAL-SIN.

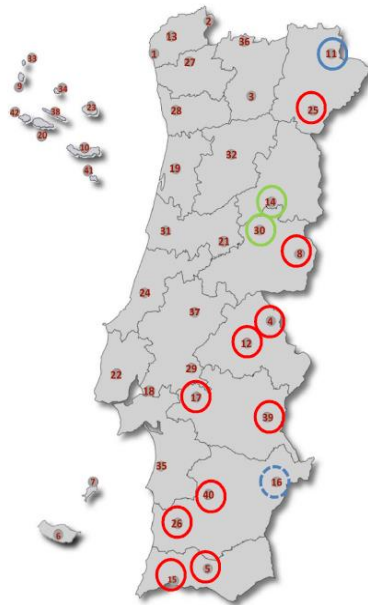


Figura 1. Amostra do PE (pontos de inquérito selecionados), a partir do CORDIAL-SIN, no trabalho de Kekäläinen (2015, p. 80)

- Vermelho: *lhe* (referência plural)
- Azul: *lhes* (1 ocorrência)
- Verde: *lhe* (referência plural) + usos de clítico OD (chamar, deixar)

A autora observa a inexistência de “*lheísmo*” nos dados do PE, sendo o único desvio significativo a ausência do uso do clítico *lhes*, no plural, em contexto referencial plural. Assim, na “*mayoría de los casos este pronombre ha sido reemplazado por el pronombre singular *lhe*. Solo em las localidades fronterizas de Outeiro (Bragança) y Serpa (Beja) se encuentra este uso en plural*” (Kekäläinen, 2015, p. 65).

Na variedade insular do PE (Funchal), para além do clítico *lhe*, enquanto realização de OI, ou variante padrão do PE, ilustrada em (10a.), também está em uso deste clítico com a função OD, e referência de 3PS, como em (10b.).

- (10) a. pa ficar bem bem com a professora_ eh_ disse-*lhe* que sabia e que podia arranjar-*lhe* uma saquinha de terra (FNC15_HC1.1, 209)
 b. mas o chefe *lhe* indicou que eu tinha mais conhecimentos do que ele (FNC10_MA3.1, 227)

A par da variante padrão, também foram atestados (Bazenga, 2018b.), embora de forma menos expressiva, usos da construção com preposição a seguida de pronome forte, uma variante não-padrão, muito frequente em variedades do PB (Gráfico 1).

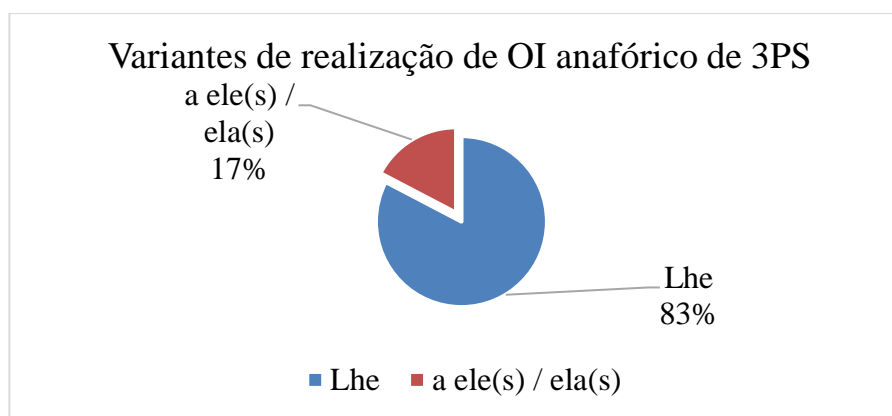


Gráfico 1. Variantes de realização de OI anafórico de 3PS numa variante insular do PE (Funchal), in Bazenga (2018)

Nesta variedade insular também estão atestados usos não-padrão de variantes de 3PS que realizam a função OI, como a da construção SP de tipo a + ele(s)/ela(s), como em (11):

- (11) a. a mãe claro tem que ter poderes para isse pa pa ligar *a eles* (FNC13_MB1.3, 367)
 b. os pais tamém se falam duas três quatro vezes cinco vezes e mais por aí e [...] não dá intimidade *a eles* (FNC15_MB1, 191)

Rodrigues (2018) dá conta dos resultados de um trabalho de investigação levado a cabo por estudantes da Universidade da Madeira, em 2014, e objeto de publicação por Bazenga, Rodrigues & Andrade (2016, no prelo). Este trabalho, com base numa amostra com dados de 6 informantes pouco escolarizados do Funchal, selecionada a partir do CSF, evidencia, no conjunto de variantes de realização de OD anafórico de 3P, uma tendência mais marcada para a estratégia da repetição lexical (37,1%) logo seguida da omissão de clítico (36,4%) e a do recurso ao pronome forte *ele* (19,6%). O uso do clítico *lhe* também foi registado, mas com apenas 4,2% (Gráfico 2).

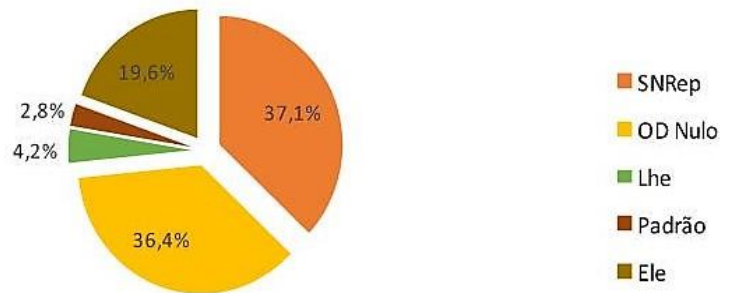


Gráfico 2. Estratégias de realização de OD anafórico de 3.ª pessoa
(6 Informantes pouco escolarizados do Funchal, in Bazenga, Rodrigues & Andrade, 2016, no prelo)

Para além dos dados de *lhe* não-padrão, com valor de acusativo de 3PS, atestados na variedade insular do PE (Funchal) como em (12), também foi identificada uma ocorrência desta variante em dados de variedades continentais do PE (13).

- (12) a. é irmã de do homem qu'eu [que eu] tou [estou] agora foi esse atual mo meu namorado _
e e o nessa altura eu não gostava dele nem *lhe* podia ver a frente _ (FNC-A-1-M)
b. e ele provocava-me e eu tamém [também] *lhe* provocava e no fim disto tudo a gente
ficámos amígues [amigos] (FNC-A-1-M)
c. ele batia no chão minha mãe já sabia que ele que vinha tava minha mãe tirava-*lhe* o comer
e dava-*lhe* a ele e lavava-*lhe* a roupa. (FNC-B-1-M)

Rodrigues (2018, p. 114, p. 120)

- (13) neste momento têm uma língua praticamente deles é o oficial é português mas têm
uma língua dele praticamente eles falam entre si e ninguém *lhe* {os africanos} percebe agora
a cultura deles temos que respeitar (LIS_B_1_H)

(Rodrigues, 2018, p. 114)

Os dados sobre os usos de *lhe* no PE insular (Funchal) no trabalho de Bazenga (2018b.) apontam para uma maior frequência da variante padrão, como dativo de 3PS (Gráfico 3.).

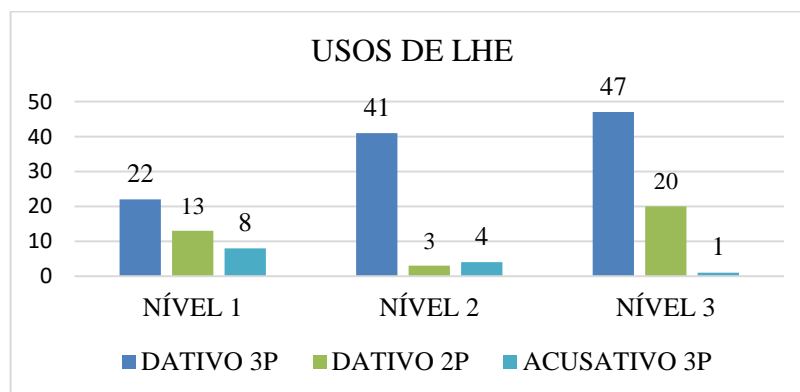


Gráfico 3. Padrões de realização de *lhe* numa variedade insular do PE (Funchal)

Esta frequência aumenta consoante o nível de escolaridade dos falantes. Inversamente, o uso da variante não-padrão *lhe* acusativo de 3PS é produtivo no grupo de falantes com menos estudos e vai diminuindo à medida que aumenta o nível de escolaridade.

3.3.2 Variedades do português do Brasil (PB)

Nas variedades do PB, regista-se, paralelamente aos usos tradicionais de *lhe*, correspondente ao dativo, com a realização de 3PS (14a.), em queda muito acentuada, o uso produtivo tanto de 2PS (14b.) como de formas inovadoras, não-padrão, em função OD e valor acusativo, de 3PS (15a), sobretudo nos dialetos nordestinos (Almeida, 2016, p. 60), e de 2PS (15b.):

- (14) a. Se o encontrarem, não *lhe* digam nada ainda. (OI/Dativo – 3.^a pessoa)
 b. Meu filho, vou *lhe* contar uma história. (OI/Dativo – 2.^a pessoa)
- (15) a. O falante opta por uma forma que não *lhe* comprometa. (OD/Acusativo – 3.^a pessoa)
 b. Eu *lhe* vi no cinema ontem. (OD/Acusativo – 2.^a pessoa)
- (Almeida, 2016, p. 125)

Para a realização do dativo, para além da estratégia da realização zero, ou objeto nulo, também em uso quando se trata de OD/acusativo, os falantes do PB recorrem ainda a sintagmas preposicionais, como em (16):

- (16) O Jose□ deu o livro **a** ela / **para** ela.

No entanto, o PE padrão (Gonçalves & Raposo, 2013, pp. 1171-1180) não inclui no seu subsistema pronominal esta construção. Como demonstram estes autores, esta variedade do PE configura propriedades sintáticas distintas. Com efeito, embora os SP com *a* e *para* partilhem o mesmo significado básico de beneficiário, como no exemplo (17), a seguir:

- (17) O João comprou uma casa **ao** filho / **para** o filho

Apenas o SP introduzido por *a* pode redobrar um clítico dativo:

- (18) a. O João comprou-*lhe* uma casa, **ao** filho
 b. *O João comprou-*lhe* uma casa, **para** o filho

e unicamente o SP introduzido por **para** pode conter um pronome forte:

- (19) a. O João comprou uma casa **para** ele
 b. *O João comprou uma casa **a** ele

Os autores concluem que, nesta variedade, as duas construções SP com **a/para** não gozam do mesmo estatuto funcional, não podendo ser, assim, serem consideradas variantes.

No PB, a realização *lhe*, de dativo de 3PS, tida como padrão no PE, está quase em desuso na modalidade oral. No entanto, o seu uso ainda é atestado na modalidade escrita, como dá conta o trabalho de Freire (2005, 2011), correspondendo, nesta variedade, à estratégia menos utilizada.

Tabela III. Variantes de **dativo** de 3PS, dados da modalidade escrita (Freire, 2011, p. 26)

	<i>Lhe</i>		SP anafórico		Objeto Nulo	
PB	41/155	26%	65/155	42%	49/155	32%
PE	90/108	83%	3/108	3%	15/108	14%

A Tabela III permite ainda pôr em evidência o contraste entre as tuas variedades no que se refere a este domínio da gramática. No PB, a variante com SP corresponde ao uso preferencial; já no PE esta construção é a menos frequente.

No PB, o clítico *lhe* integra o sistema de formas de tratamento de 2PS, tanto como acusativo (função OD) como dativo (função OI). O trabalho de Lopes, Rumeu & Carneiro (2013), com base em *corpora* escritos, constituídos por cartas pessoais de falantes oriundos de três localidades (Salvador da Bahia, 1880-1950; Rio de Janeiro, 1870-1940; e de Minas Gerais, 1900-1960), apresenta resultados sobre os usos de *lhe*, acusativo (Tabela IV) e dativo (Tabela V).

Tabela IV. Variantes de acusativo de 2P em cartas brasileiras – (Lopes, Rumeu & Carneiro, 2013, p. 202)

Acusativo	te	você	lhe	o/a		Total
RJ	157	08	-	01	02	168/237
	93,5%	4,8%	-	0,6%	1,2%	(71%)
BA	04	01	17	10	02	34/237
	12%	6%	50%	29%	6%	(14%)
MG	15	02	03	15	-	35/237
	42%	0,5%	08%	42%	-	(15%)
Total	176	11	20	26	04	237
	74%	4,6%	8,4%	11%	1,7%	

Tabela V. Variantes de acusativo de 2P em cartas brasileiras – (Lopes, Rumeu & Carneiro, 2013, p. 204)

Dativo	vos	te	lhe		a você	Para você	Prep+ você	Prep. + ti	Prep. + o Sr.	A si	Total
RJ	-	230	29	49	08	15	-	12	-	-	343
	-	67 %	8,5%	0,6 %	1,2%	4,4%	-	3,5%	-	-	
BA	06	01	84	10	02	01	-	-	16	01	131
	4,5 %	0,8 %	64,1 %	29%	6%	0,8	-	-	12%	0,8 %	
MG	-	45	82	15	-	02	01	05	-	-	160
	-	28 %	51%	42%	-	0,1%	0,1%	0,2%	-	-	
Total	06	276	195	82	22	18	01	17	16	01	237
	0,9 %	44 %	31%	13%	3,5%	2,9%	0,1%	2,7%	2,5%	0,1 %	

Em ambos os casos, é possível observar percentagens significativas de usos de *lhe* no nordeste do Brasil (Salvador da Bahia), e que superam os usos da forma padrão *te*, com 12%, no caso acusativo, e 0,8% no caso dativo. Merece destaque o facto de haver uma grande diversidade de estratégias para realizar o dativo e do uso não-padrão, com *lhe*, se aproximar, em termos de percentagem dos valores totais, do uso padrão com *te*, com 31% e 44% respetivamente.

Oliveira (2004, p. 296) sustenta que o emprego de *lhe* como OD deriva da reanálise do OD preposicionado como [+pessoa], favorecido pelo traço [+humano] do objeto, passando a referir a 2PS indireta, independentemente da transitividade do verbo. Tal poderia ter tido origem na alta produtividade deste tipo de OD em Salvador da Bahia nos séculos XIX e XX e de *lhe* com verbos transitivos diretos.

Para Ramos (1992, p. 80), a mudança na transitividade verbal, com perda da preposição *a*, ocorrida desde o século XIV ao século XX, terá contribuído para o uso *lhe* de 2PS. Lessa (1976: 145) documenta este fenómeno a partir da análise de textos de autores brasileiros modernistas, sendo de referir os usos não recomendados pela norma, ou seja, sem a preposição *a* de verbos como, por exemplo, *agradar*, *avisar*, *convencer*, *informar*, *obedecer*, *perdoar*. Os dados dialectais do PE também dão conta desta variação na transitividade verbal, como observa Maia (1975, p. 64), no seu trabalho sobre os *Falares do Algarve*, e de que são retirados os exemplos (22) e (23):

- (22) Lembrar-se de V_{inf} . > lembrar-se a V_{inf} : lembrei-me a dezer (Pat.)
- (23) Precisar de > precisar N:
 a. a porta não precisa a chave, tem trâmela (Bord.)
 b. ele precisa o chapéu (Olh.)

3.3.3 Variedades africanas: PAng, PMoç e PST

Nas variedades africanas, atendendo aos dados, predominantemente orais mas também escritos, que integram o *Corpus Africa*⁶, e os coletados no âmbito de projetos de investigação realizados sobre o Português de Angola (PAng) – Chavagne (2005), Inverno (2009), Bento (2010), Adriano (2014), Manuel (2015), Figueiredo, Jorge & Oliveira (2016) – do Português de Moçambique (PMoç) – Gonçalves & Stroud (1998), Mapasse (2005), Cesar (2014) – e do Português de São Tomé (PST) de Gonçalves (2016), regista-se o uso do clítico *lbe*, tendo por referência a 3PS, tal como descrito na variedade padrão do PE.

No entanto, os subsistemas de cada uma das variedades africanas apresentam algumas especificidades. Nas variedades PAng e PMoç, observa-se uma tendência para o uso de *lbe* em contexto de acusativo de 3PS (Hagemeyer, 2016, p. 58), como ocorre em algumas variedades do PE, nomeadamente insulares, e não de 2PS como em variedades do PB.

Os exemplos, do PAng, em (24), mostram os usos de *lbe*:

- (24) a. Mandei uma moça *lbe*_{ACU} chamar. [PE padrão: chamá-lo] (Miguel 2003, p. 71)
 b. [...] eu peguei no camarada, comecei a *lbe*_{ACU} espancar [PE padrão: espancá-lo], *lbe*_{DAT} dei uns socos [PE padrão: dei-lhe uns socos], dei uns socos (Anexo 1, p. 208, linhas 25 e 26). (Chavagne, 2005)
 c. depois, um dia *lbe*_{ACU} esperamos [PE padrão: esperamo-lo] a noite (*Corpus Africa: Angola-Oral*) (Nascimento et al., 2008, p. 52)

Nesta variedade também se observam variantes despalatalizadas, como em (25):

- (25) a. Hoje ainda não *le*_{ACU} vi. [PE padrão: não o vi] (Bento, 2010, p. 35)
 b. A pessoa tem que *lbe*_{ACU} [li] ignorar (EBA) [PE padrão: os acusar] (Manuel, 2015, p. 47)
 c. doze hora quando saio aqui *le*_{ACU} encontro em casa [JOMIC3] [PE padrão: encontro-os] (Figueiredo, Jorge & Oliveira, 2016, p. 255)
 d. aquele num *le*_{ACU} poupa [JOMIC3] [PE padrão: não o poupa] (Figueiredo, Jorge & Oliveira, 2016, p. 255)

⁶ O *Corpus África*, é um projeto do CLUL, iniciado em 2004, reúne dados de variedades africanas do português, com 3 milhões de palavras do discurso escrito e oral, constituído por 5 subcorpora comparáveis de 600 mil palavras cada um, correspondentes às variedades de Angola, Cabo Verde, Guiné, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

É de assinalar também que nem sempre *lhe* tem por referência um argumento [+animado], como nos exemplos (26a) e (26b):

- (26) a. uma sigla porque lemos-*lhe* letra por letra (Inverno, 2009, p. 174)
 b. depois de fazer refogado *lhe* mete água [ROMUSM4] (Figueiredo, Jorge & Oliveira, 2016, p. 255)

Na variedade do PMoç, também se encontram atestados usos de *lhe*, como forma única tanto para realização de OI (padrão) como de OD (não-padrão), de que se fornecem alguns exemplos, em (27), a seguir:

- (27) a. Nós ficávamos a *lhe* provocar (PR/ESM/07/99) (César, 2014, p.73)
 b. Os meus pais tem *lhe* chamado muito (MA/ESM/17/67) (César, 2014, p. 73)
 c. Mas a minha mãe sempre insistia-*lhe* de não fazer aquelas coisas todas (Dc/ESM/21/84) (César, 2014, p. 73)
 d. As pessoas não *lhe* gostam (NA/ESM/163/32) (César, 2014, p. 73)
 e. o marido abandonou-*lhe* (*Corpus África*, Nascimento et al., 2008b, p. 52)
 f. motivou que eu fosse às machambas dos colonos para apoiar-*lhes* (*Corpus África*, Nascimento et al., 2008b, p. 52)

Assim, nestas duas variedades, o sistema de usos de *lhe* exhibe um padrão convergente, constituindo a forma única tanto para a função OD como a OI, ambas na 3PS. No entanto, para Hagemeyer, 2016, p. 58):

Apesar da semelhança superficial entre estas duas variedades, os mecanismos que estão na origem desta propriedade são distintos. No português moçambicano, a ocorrência do clítico Dativo resulta de uma alteração da estrutura argumental de verbos transitivos diretos que consiste na inserção do marcador casual *a* quando o objeto é [+humano].

A variedade do PST, para além do uso do PE padrão, também regista usos não-padrão de *lhe*, com função OD (Acusativo), como em (28):

- (28) a. A ideia era defender tese voltado à linguística. (...) E eu auxiliei-*lhe* a recolher elementos para tal. (Gonçalves, 2016, p. 45)
 b. A minha maneira de conversar levou-*lhes* a ter uma disciplina muito importante. (Gonçalves, 2016, p. 45)

Tal acontece também com a realização de OI, como observa (Hagemeyer, 2016, p. 58):

mais do que o português angolano e o português moçambicano, [o PST] privilegia a ocorrência de pronomes fortes em vez de clíticos”, como em “não fico psicologicamente preparado para falar o crioulo forro, respondi *ele* em nosso português” (PST, Gonçalves, 2009) [...] há outras estratégias características que concorrem para a realização dos complementos indiretos, nomeadamente o uso de *a* ou *para* (*vendi a/para ele*).

Considerações finais

Os dados descritos na secção 3 apontam para a manutenção do clítico *lhe* nas gramáticas dos falantes de Português, mas com especificidades funcionais consoante as variedades. Nas variedades do PB e na modalidade falada, *lhe* corresponde à forma de tratamento de 2PS, com tendência a tornar-se a forma única tanto do caso dativo como acusativo. De acordo com os dados, esta forma de acusativo de 2PS é exclusiva destas variedades, não ocorrendo nem nas europeias (PE continental e insular – Funchal) nem nas africanas (PAng, PMoç, PST). Nestas últimas, mas não no PB nem no PE continental, observa-se uma situação de convergência, na qual uma única forma de 3PS realiza tanto a função OD (não-padrão) como a função OI (padrão). Se se tiver em conta outras propriedades dos subsistemas de cada variedade, observa-se que *lhe* integra paradigmas distintos, conforme consta nas Tabelas VI (*Lhe* – dativo, em diferentes construções ditransitivas) e VII (*Lhe* – acusativo, e diferentes variantes de realização), ambas tendo por referência a tabela formulada por Gonçalves (2016, p. 126) na sua proposta de distribuição de uma tipologia de construções ditransitivas nas variedades do português.

Tabela VI. *Lhe* – de dativo de 3PS, em construções ditransitivas

	PE _{Pen}	PE _{Ins}	PB	PAng	PMoç	PST
Dei um livro ao João	•	•	•	•	•	•
Dei-lhe um livro	•	•		•	•	•
Dei um livro para o João			•			•
Dei um livro no João				•	•	
Dei um livro a / para ele		•	•	•	•	•
Dei ele um livro					•	•

Tabela VII. *Lhe* – de acusativo de 3PS

	PE _{Pen}	PE _{Ins}	PB	PAng	PMoç	PST
Vi o João	•	•	•	•	•	•
Vi	•	•	•	•	•	•
Vi-o		•		•	•	•
Vi ele		•	•	•	•	•
Vi-lhe		•		•	•	•

A situação linguística do clítico *lhe* em variedades do português, brevemente desenhada e sustentada empiricamente, permite acrescentar mais conhecimento a favor da hipótese formulada em Bazenga (2018a.), segundo a qual, apesar dos fenómenos linguísticos divergentes que emergem quando se comparam variedades sociais e geográficas do português, existem

propriedades em comum que permitem estabelecer pontos de contacto. Nesta hipótese, baseada em fatores tais como [complexidade] dos subsistemas gramaticais e [contacto] com outras variedades /línguas (Sampson, Gil & Trudgill, 2009, e Kortmann & Szmrecsanyi, 2012), os pontos de contacto integrariam um conjunto de universais de português falado (UPF). Vistos como tendências comuns às variedades do português, os UPF fundamentam-se em princípios, formulados por Maitz & Németh (2014, pp. 3-6), tais como, por exemplo: o grau de complexidade estrutural das línguas é variável e muda ao longo do tempo, sendo influenciado por fatores sociais. Deste princípio decorrem as seguintes hipóteses: (i) as línguas ou variedades marcadas por um [+ contato, + elevado] tendem à simplificação estrutural; enquanto que (ii) as línguas ou variedades marcadas por [+ contato -elevado] tendem a reter ou a aumentar a complexidade estrutural. Da articulação destes traços resultaria, por exemplo, variedades L1 tradicionais, com maior grau de complexidade e menor grau de contacto, que se distinguiriam de outras variedades L1 e L2, caracterizadas por terem um menor grau de complexidade e contacto elevado. Assim, teremos, por exemplo, do lado do PE, considerada variedade L1 tradicional, o uso de *lhe* padrão, como forma de dativo, pertencente a um complexo subsistema pronominal; já o uso de *lhe* não-padrão como acusativo de 3PS, que ocorre tanto na variedade insular do PE (Funchal) como nas variedades africanas poderia ilustrar o segundo tipo de variedades, ou seja, marcadas com marcadas por [+ contato +elevado].

Referências bibliográficas

- Adriano, P. S. (2014). *Tratamento morfossintático de expressões e estruturas frásicas do português em Angola* (Tese de doutoramento). Universidade de Évora, Évora.
- Almeida, G de S. (2016). Uso dos pronomes-objeto de segunda pessoa na fala de Salvador e de Santo Antônio de Jesus. *Veredas*, v.20, nº 2, 122-135.
- Bento, C.T. (2010). *Contributos para uma Caracterização Linguística do luandense*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro/ Departamento de Línguas e Culturas.
- Bazenga, A. Andrade, C. & Rodrigues, L. (2016, no prelo). Variantes sintáticas (padrão e não-padrão) em português: representações sociais e atitudes linguísticas de falantes madeirenses, *Atas IV CIDS*.
- Bazenga, A. (2018a.). Variação e Variedades não-dominantes do português: contributo para a configuração de luso-versais (ou universais vernáculos do português). Comunicação apresentada no *XIII Congresso Internacional de Linguística Xeral*. Universidad de Vigo, 13-15 de Junho de 2018.
- Bazenga, A. (2018b.). A realização do Objeto Indireto de terceira pessoa na variedade do português europeu falado no Funchal (ilha da Madeira). Comunicação apresentada no *V CIDS (Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística)*. Universidade Federal da Bahia, Brasil, 11-14 Setembro 2018.
- Berlinck, R. de A. (1996) The Portuguese Dative. In: Van Belle, W. & Van Langendonck, W. *The Dative*. Vol 1: Descriptive Studies, (pp. 119-151). Amsterdam: John Benjamins.
- Brissos, F, Gillier, R. & J. Saramago (2016). O problema da subdivisão dialetal madeirense: estudo dialetométrico da variação lexical. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, Nº 2-10, 31-47. | <<https://doi.org/10.21747/2183-9077/rapl2a2>>

- Brito, A.M. (2014). As construções ditransitivas revisitadas: alternância dativa em Português Europeu?. In *Textos seleccionados, XXIX Encontro nacional da associação portuguesa de linguística*, (pp. 103-119). Porto: APL.
- Carmona, J. & Silva, C. (2007). A aquisição de clíticos dativos em PE: teste piloto. In A. M. Coutinho & M. Lobo (eds.) *Textos seleccionados. XXII Encontro Nacional da APL*, (pp. 199-210). APL/Colibri: Lisboa.
- César, G. R. E. (2014). *O uso de pronomes clíticos em textos de ensino secundário e universitário em Nampula* (Dissertação de mestrado). Universidade de Aveiro, Aveiro.
- César, G.R. E. (2014). *O uso de pronomes clíticos em textos de ensino secundário e universitário de Nampula*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro
- Chavagne, J.-P. (2005). *La langue portugaise d'Angola: étude des écarts par rapport à la norme européenne du portugais*. Tese de doutoramento. Université Lumière Lyon 2. <http://demeter.univ-lyon2.fr/sdx/theses/lyon2/2005/chavagne_jp>
- Costa, J. & M. Lobo (2006). A aquisição de clíticos em PE: omissão de clíticos ou objecto nulo?. In *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*, (pp. 285-293). Lisboa: APL.
- Costa, J. & M. Lobo (2007). Complexidade e omissão de clíticos: o caso dos reflexos. *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*, (pp. 303-313). Lisboa: APL,
- Costa, J. Fiéis, A. & M. Lobo (2016). A aquisição dos pronomes clíticos no português L1. In Martins, A. M. & Carrilho, E. (eds.) *Manual de Linguística Portuguesa*, (p. 431-452). Berlim: Mouton de Gruyter.
- Duarte, I. (1987). *A construção o de topicalização o na gramática do português: regência, ligação o e condição es sobre movimento* (Tese de doutoramento). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Figueiredo Silva, M. C. (2007). A perda do marcador dativo e algumas de suas consequências. In Castilho, A.T. et alii (Orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*, (pp. 85-110). São Paulo: Fapesp, Campinas: Pontes Editores.
- Freire, G. C (2005). *A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana* (Tese de doutoramento). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- Figueiredo, C., Jorge, L. & M. de Oliveira (2016). Clítico argumental “lhe” no Português do Libolo: Estrutura formal e Caso (abstracto). In Figueiredo, C. & M. de Oliveira (Orgs.). *“Projeto Libolo” – Município do Libolo, Kwanza-Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários*, vol. 1., (pp. 253-264). Lisboa: Chiado Editora.
- Freire, G. C (2011). Acusativo e Dativo Anafóricos de 3ª Pessoa na escrita brasileira e lusitana. *Revista Abralín*, V.10, N°1, 11-32.
- Gonçalves, P. (1991). *A construção o de uma gramática de português em Moçambique: aspetos da estrutura argumental dos verbos*. Lisboa: FLUL.
- Gonçalves, A. & Raposo, E. (2013). Verbo e sintagma nominal. In Raposo, E., Nascimento, M. F., Mota, M. A., Segura, L. & A. Mendes (Orgs.) *Gramática do Português. Vol. I* (pp.1155-1218), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gonçalves, P. (2013). O português em África. In Raposo, E., Nascimento, M. F., Mota, M. A., Segura, L. & A. Mendes (Orgs.). *Gramática do português*. V.1. (pp. 157-178). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gonçalves, P. & C. Stroud (1998). *Panorama do Português Oral de Maputo, Vol.III. Estruturas Gramaticais do Português: Problemas e Exercícios*. Maputo: INDE.
- Gonçalves, R. (2016). *Construções Ditransitivas no Português de São Tomé* (Tese de doutoramento). FLUL, Lisboa.
- Hagemeyer, T. (2016). O português em contacto em África. In A. M. Martins & E. Carrilho (eds.). *Manual de Linguística Portuguesa*, (pp. 43-67). Berlim: Mouton de Gruyter.
- Inverno, L. (2009). *Contact-induced restructuring of Portuguese morphosyntax in interior Angola. Evidence from Dundo (Lunda Norte)* (Tese de doutoramento). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Kekäläinen, A. (2015). *Sobre los paradigmas de los pronombres átonos de la tercera persona en las zonas fronterizas de España y Portugal*. Tese de Mestrado. University of Helsinki, Faculty of Arts, Department of Modern Languages. <<https://helda.helsinki.fi/handle/10138/164249>>
- Lessa, L. C. (1976). *O Modernismo brasileiro e a Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora: Grifo.
- Lopes, C. R. S., Rumeu, M. C. B. & Carneiro, O. N. (2013). A configuração diatópico-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro. *Revista do GELNE*, V. 15, 187-212.

- Madeira, A., M. de L. Crispim & M.F. Xavier (2006). Clíticos pronominais em português L2. In F. Oliveira & J. Barbosa (Orgs.), *Textos Seleccionados do XXI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, (pp. 495-510). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
- Maia, M.C. A. (1975). Os falares do Algarve (Inovação e conservação). *Separata da Revista Portuguesa de Filologia*, Vol. XVII, tomos I e II, Coimbra.
- Manuel, F.C. M. (2015). *Aspetos do Português Falado em Benguela*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Maitz P., Németh A. (2014). Language contact and morphosyntactic complexity: evidence from German. *J. Ger. Linguist.* 26 1–29.
- Mapasse, E. (2005). *Clíticos pronominais em Português de Moçambique* (Dissertação de mestrado). FLUL, Lisboa.
- Martins, A. M. (2013). Posição dos Pronomes Pessoais Clíticos. In Raposo, E., Nascimento, M. F., Mota, M. A., Segura, L. & A. Mendes (Orgs.) *Gramática do Português. Vol. II*, (pp. 2231-2302), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mateus et al. (1983). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Mendes, B. C. (1985). *Contributo para o estudo da língua portuguesa em Angola*. Lisboa: Instituto de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa.
- Miguel, M. H. (2003). *Dinâmica da pronominalização □ o no Português de Luanda*. Luanda: Nzila.
- Morais, M. A. & R. A. Berlinck (2006). A caracterização do Objeto Indireto no Português: aspetos sincrónicos e diacrónico, In Lobo, T. et al. *Para a História do Português Brasileiro*, Tomo I, (pp. 73-106). EDUFBA.
- Nascentes, A. (1960). Lheísmo no Português do Brasil. *Revista Letras*, 11, 108-113.
- Nascimento, M. E. P. do (2010). *A sintaxe do clítico LHE no Português Brasileiro* (Tese de doutoramento). Universidade Federal de Alagoas, Maceió.
- Nascimento, M. F. B. do et al. (2008a). Corpus África: as cinco variedades africanas do português. In *Textos Seleccionados. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 373-384). Lisboa: APL.
- Nascimento, M. F. B.do et al. (2008b). Aspectos da unidade e diversidade do Português: as variedades africanas face à variedade europeia. *Veredas*, 9, 35-60.
- Oliveira, M. (2004). A perda da preposição *a* e a recategorização de *lhe*. *Estudos Linguísticos* XXXIII, 292-297.
- Queriquelli, L. (2013). Sobre o settling do português brasileiro. *Fórum Linguístico*, Vol. 10, Nº. 3, 237-250. <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2013v10n3p237>>
- Ramos, J. (1992). *Marcação de Caso e Mudança sintática no PB*, Tese de doutoramento, S. Paulo: UNICAMP.
- Rodrigues, L. (2018). *O caso acusativo nos pronomes pessoais de terceira pessoa do português brasileiro e europeu*. Dissertação de doutoramento. Universidade Federal do Ceará, Brasil.
- Salles, H. M. L. & Scherre, M. M. P. (2003). Indirect objects in ditransitive constructions in Brazilian Portuguese. In Núñez-Cedeño, R.; López, L.; Cameron, R. (Orgs.). *A Romance Perspective on Language Knowledge and Use*, (pp. 151-165) Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Sampson, G., Gil, D. & Trudgill, P. (eds) (2009). *Language Complexity as an Evolving Variable*. Oxford: Oxford University Press.
- Silva, C. (2009). Assimetrias na aquisição de diferentes tipos de clíticos em português europeu. *Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 527-541). Lisboa, APL.
- Silva, C. (2015). *Pronomes fortes, clíticos e nulos na aquisição do português europeu: interpretação e produção* (Tese de Doutoramento). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Kortmann, B. & B. Szmrecsanyi (eds) (2012). *Linguistic Complexity: Second Language Acquisition, Indigenization, Contact*. (Series: *linguae & litterae*). Berlin: de Gruyter.